

CRASH – NO LIMITE: problematizando sobre estereótipos,
preconceitos e discriminações

André Luiz Piratelli Rodrigues

Graduando em Psicologia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Cynthia Garcia Carneiro

Graduanda em Psicologia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Leticia Farias Silva

Graduanda em Psicologia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Thalita Liria Sabbatini

Graduanda em Psicologia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

André Masao Peres Tokuda

Docente-Mestre; Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo identificar como a sociedade impõe os estereótipos e age de forma preconceituosa e discriminatória diante diversos acontecimentos cotidianos. A amostra foi baseada na produção do filme *Crash – No Limite*. Foi observado um padrão imposto pela sociedade sobre as pessoas que apresentam características que não são aceitas, tendo como resultado o preconceito e a discriminação. Essa problematização é de extrema importância para a Psicologia, pois essas normatizações fazem parte da construção das pessoas, sendo muitas vezes motivos de adoecimentos e despotencialização da vida. Dessa forma a Psicologia, aliada às demandas da sociedade e com a cultura na qual está inserida, deve se preocupar com tais problematizações.

PALAVRAS-CHAVE: Estereótipos; Preconceitos; Discriminações.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma breve discussão sobre estereótipos, preconceitos e discriminações, com base em cenas do filme “*Crash: no limite*”. Os estereótipos estão presentes no nosso dia a dia, na forma como classificamos as pessoas, lugares e grupos, com isso projetando nestas, certas características que nos fazem os reconhecer. No entanto, tais características podem se tornar preconceitos e discriminações, principalmente em uma sociedade desigual na qual vivemos.

Desta forma, problematizações sobre estes temas são suma importância para nossa sociedade e principalmente para a Psicologia, a qual lida diretamente com seres humanos, que estão em constantes relações psicossociais. A utilização de um filme para a discussão se dá devido que por meio do mesmo se consegue deixar mais explícito estes temas, além do fato da “*mass media*” ser uma importante linha na construção das subjetividades.

Neste trabalho temos como objetivo problematizar como estereótipos, preconceitos e discriminações interferem no dia a dia das pessoas, nas relações umas com as outras e como esses conceitos podem interferir na prática do(a) psicólogo(a)s. Com isso acreditamos que a Psicologia deva estar atenta as mudanças das sociedade, assim como, atualizada perante a cultura em que cada profissional irá atuar.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

A palavra socialização pode ser entendida como uma das variáveis da construção dos sujeitos para o desempenho de papéis sociais, estes são condutas que são socialmente esperados, ou seja, envolvem expectativas de comportamento de uma pessoa em relação às outras. É por intermédio da socialização e dos papéis sociais que as pessoas são inseridas no mundo, tais formas são muitas vezes já estabelecidas, normatizações que impõem o que se deve ou não, quais comportamentos devem ser esperados, como exemplo, a mulher muitas vezes é construída para ser filha educada, moça de família, que aprenda a cuidar da casa, para depois cuidar do marido e filhos. Tais normatizações servem para que os sujeitos sejam dóceis e úteis à sociedade (DELEUZE; GUATTARI, 1995; FOUCAULT, 1988; KRUGER, 1986).

Tais normatizações perpassam pelos estereótipos, os quais geralmente são encontrados nas tradições de um povo. São considerados perigosos, uma vez que induzem conceitos errôneos sobre si mesmo e os outros, muitas vezes acabam por se tornar preconceitos e discriminações, quando utilizados de forma negativa e depreciativa. Os estereótipos servem para enquadrar as pessoas, como no nosso exemplo acima - a mulher - são marcações projetadas nas mesmas, que muitas

vezes as desqualificam e reduzem a serem somente donas de casa (FOUCAULT, 1988; PEREIRA, 2002).

Os preconceitos são atitudes negativas que se tem em relação a uma pessoa ou a um grupo. A discriminação, geralmente, é praticada por pessoas preconceituosas, e pode ser praticada de várias as formas. Há a discriminação por rejeição verbal, evitação e por ameaças, sendo a ultima a forma mais insidiosa. No Brasil um caso recente de discriminação é o que acontece na cidade do Rio de Janeiro, na qual os ônibus que passam ou saem de bairros pobres são revistados, para que se possa apreender “alguns jovens”, em sua maioria negros e que possam já ter cometido algum ato delituoso, ou seja, estes são escolhidos, impedidos do seu direito de ir e vir, nega-se a certas pessoas o direito ao lazer, por simples discriminação (KRUGER, 1986; PEREIRA, 2002). Essas situações são vividas por jovens não só no Brasil, mas em diversas partes do mundo, a Psicologia tem que estar atenta para que certos estereótipos não façam que tenhamos atuações pobres, despotencializadoras e medíocres.

2 METODOLOGIA

Como metodologia para discussão deste trabalho, utilizamos da cartografia, método criado por Deleuze e Guattari (1995), que nos ajudou a mapear os discursos presentes no filme *Crash: no limite*, assim pudemos problematizar sobre estereótipos, preconceitos e discriminações, que estão presentes não só no filme, mas em todas as relações sociais.

O cartógrafo mapeia, por meio da escrita/linguagem, as relações/linhas que existem nas falas, nos ambientes e nas não-falas. Em nenhum momento buscaremos verdades absolutas e universais ou queremos estabelecer modelos prontos, ou seja, aceitamos a provisoriedade destas cartografias. Com isso a cartografia – que é um procedimento metodológico da Geografia de representação dos contornos de um dado território, através de mapas ou cartas, por meio do que viu e sentiu o(a) cartógrafo(a) - método utilizado por Félix Guattari e Gilles Deleuze (1995), possibilita a leitura das relações estabelecidas pelos processos desejantes no campo social e o mapeamento de linhas subjetivas influenciadas pelos saberes, poderes e prazeres presentes nos discursos e figurações, que nos atravessam ao longo de nossas vidas.

3 DISCUSSÃO

“*Crash - No limite*” foi dirigido por Paul Haggis, lançado em 2005 e produzido pela *Bull’s Eye Entertainment*. O filme mostra claramente a atitude da sociedade diante de fatores preconceituosos como o racismo e xenofobia. A dramaturgia trata de conflitos étnicos e interliga histórias de pessoas completamente diferentes, que apesar dessas diferenças possuem algo incomum, o preconceito. O filme se passa na cidade de Los Angeles – EUA, e aborda a violência, discriminação de raças e os estereótipos entre mulçumanos, negros e latino-americanos. Vale ressaltar que, desde os atentados contra as torres gêmeas em 11 de Setembro de 2001, fortaleceu nos Estados Unidos o preconceito e a intolerância contras outras culturas, chegando muitas vezes a violências físicas e psicológicas.

Crash é uma palavra em inglês, que traduzida para o português quer dizer colisão, e é exatamente o que acontece no filme. A todo tempo temos colisões de culturas e criações de estereótipos que vão muito além de diferenças culturais. É de fácil identificação no filme o “genocídio”, as pessoas fazem mal umas às outras, até se matam somente pela existência de diferenças. Os estereótipos criados pela sociedade são maiores do que a realidade, fazendo as pessoas entrarem em conflitos a todo tempo (FOUCAULT, 1988; KRUGER, 1986; PEREIRA, 2002).

O filme começa com dois rapazes negros saindo de um restaurante e reclamando do atendimento. Os mesmos acreditam que sofreram racismo, pois não foram atendidos igualmente a uma pessoa branca. Logo em seguida, avistam um casal, Jean e Richard, o qual a mulher segura no braço do seu marido, e atravessam a rua quando se aproximam dos dois rapazes, um deles interliga este ato ao preconceito, e acaba por abordar o casal e roubar o seu carro. Nesta cena, podemos perceber que as pessoas estão tão acostumadas com os estereótipos, que acabam elas mesmas se julgando, assim “pensando” que tudo gira em torno do racismo, quando não há um preconceito em cima delas, e sim atos de coincidência. No entanto essa atitude é muitas vezes justas, devido vivermos em uma sociedade preconceituosa e racista, na qual é colocado ao jovem negro o estereótipo de bandido ou potencial bandido (FOUCAULT, 1988; KRUGER, 1986; PEREIRA, 2002).

Logo após o ocorrido, Jean (Sandra Bullock), ficou apavorada com o assalto, exigindo assim que seu marido chamasse uma empresa especializada em trocas de fechaduras. Seu marido Richard (Brendan Fraser) acatando o pedido da esposa contata uma empresa, na qual Daniel, latino norte-americano, presta serviços. Jean logo vê uma forma de preconceito, pois o mesmo possui tatuagens. Ela então começa a gritar com Richard exigindo que no dia seguinte o mesmo providenciasse outra pessoa para trocar as fechaduras novamente, alegando que Daniel por ter tatuagens era marginal e venderia cópias das chaves para assaltantes negros. Karen (Nona Gaye), assistente de Richard, observando a discussão da outra sala, não reage diante do fato, dando ao espectador o entendimento de que muitas pessoas que passam por preconceitos não agem de forma agressiva diante do fato, aceitando assim o que é imposto pela sociedade, muitas vezes pelo fato de acreditarem que não têm direitos.

Em outra cena o policial, John Ryan (Matthew Raymond), que estava fazendo ronda em uma avenida, quando avista um casal de negros, Cameron e Christine, em um carro luxuoso, logo os para e pede para que Cameron desça do carro a fim de revistá-lo, ofendendo-o. Sua esposa, Christine, não aceita tal ato, descendo do carro e questionando o motivo de ter os parado. John então, revista Christine de forma obscena, mostrando o abuso da autoridade. Mais tarde, em outra ronda, o policial se vê em uma situação completamente diferente, onde é sensibilizado ao ver que Christine sofreu um acidente de carro e precisa de sua ajuda, pois o carro havia capotado. Então, não mede esforços e procura ajuda-la a todo custo, mesmo ela se mostrando agressiva, lembrando-se do que ele havia feito. John diz que não irá machucá-la e a acalma, pois, a mesma estava em uma situação de muito risco.

Em outra cena do filme, Daniel (Michael Pena), é contratado por uma família de mulçumanos, para trocar a fechadura de sua loja, pois a mesma foi assaltada. Vendo que os arrombamentos destruíram a porta, Daniel, indica outro tipo de serviço ao Farhad (Shaun Toub), que por sua vez, não aceita a ideia, e o obriga a concertar, mas ele dá as costas e vai embora. Pouco tempo depois, assaltam de novo a loja do Farhad, este pega o seu revólver e vai atrás de Daniel, quando este está chegando em sua casa vê Farhad, que após discutirem atira em Daniel, nesse momento sua filha pula em sua frente e todos se desesperam esperando pela morte dela. Minutos

depois eles percebem que nenhum dos dois foram feridos e entram em sua casa. Farhad abalado pelo acontecimento parte para sua casa, senta-se no chão, quando sua filha o questiona sobre o que havia ocorrido o mesmo relata sem entender o que havia acontecido, pois havia atirado em uma criança de 7 anos e a mesma saiu ileso. No momento, sua filha lembra-se de que na hora da compra do revólver escolheu balas de festim (são balas que só são usadas para simulações, só fazendo barulho), por conta disso não houve ferimento algum.

Deparamo-nos no filme a todo tempo com pessoas preconceituosas e discriminações, as quais pensam que uma pessoa por ser negra e/ou ter tatuagem é bandida, por ter características de mulçumano é terrorista. As pessoas são tão preocupadas com o que é imposto pela sociedade que passam a vida inteira refém de preconceitos e discriminações. Com base no filme pudemos perceber o quanto nossa sociedade se baseia em normas pré-estabelecidas há anos, que ainda hoje fazem com que pessoas sejam mortas, violentadas e passem por situações de “tortura” psicológica (FOUCAULT, 1988; KRUGER, 1986; PEREIRA, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo dos estereótipos tem despertado o interesse dos psicólogos sociais, principalmente quando é nítido que o preconceito se fundamenta em processos de estereotipização. O objetivo principal desse trabalho foi descrever como os estereótipos e preconceito são enfrentados hoje na sociedade, a partir do filme *Crash* – no limite. A presente pesquisa apresentou dados que comprovam que mesmo no século XXI, as pessoas vivem sem perceber, cercadas de preconceitos e discriminações.

Pudemos perceber também com a pesquisa, que os estereótipos impostos pela sociedade são o que determina, muitas vezes, quem é socialmente aceito e quem não, sendo esses, aceitos até pelos que sofrem preconceitos. Tais normatizações só servem para cristalização em empobrecimento da vida, despotencializando pessoas por terem, ou não, certas características e comportamentos que são “normais” e “ideais”, com essas ideias muitas pessoas são mortas, e a Psicologia ajuda, por meio de uma visão que em muitos casos servem apenas para estigmatizar as pessoas, como em perícias nas penitenciárias.

Necessitamos de psicólogos problematizadores e aliados com uma atuação potencializadora, na qual faz com que pessoas sejam respeitadas nas suas diferenças, não que precisemos ser todos iguais.

REFERÊNCIAS

BASTOS, A. D. **De infrator a delinquente: o bigráfico em ação**. Niterói: Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, 2002. Dissertação (Mestrado).

DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. Rio de Janeiro, editora 34, 1995.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

KRUGER, H. **Introdução à psicologia social**. São Paulo: EPU, 1986.

PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo: EPU, 2002.